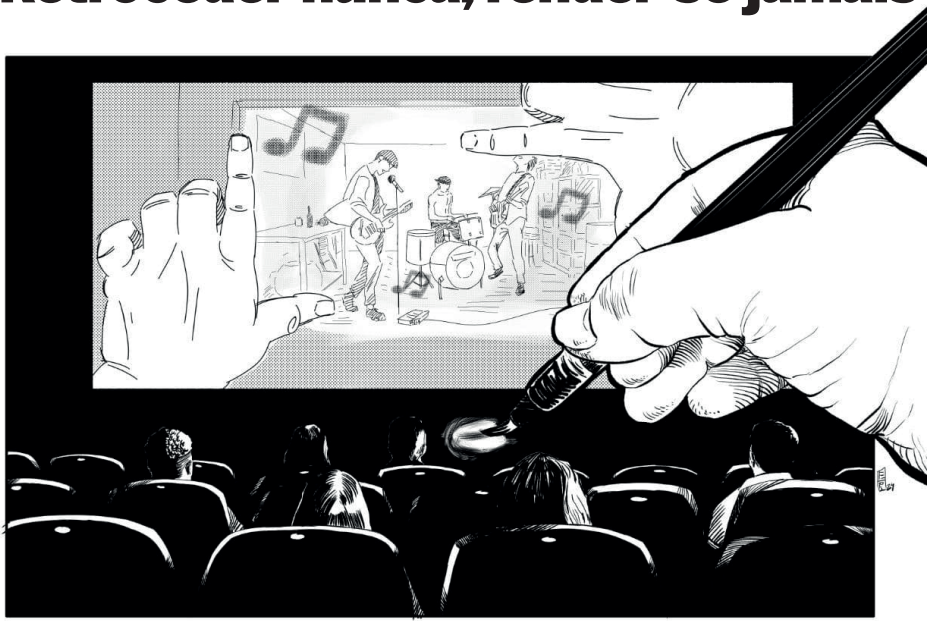
BADERNA

N 2 - DEZEMBRO DE 2024

Retroceder nunca, render-se jamais



BADERNA
Acima ilustração do quadrinista Evaristo Ramos, que captou o clima da revista Baderna
@_evaristoramos

Muita coisa se passou entre o lançamento do primeiro número de Baderna e este que chega em suas mãos. As dificuldades de sempre: tempo, dinheiro, trabalho, os problemas comuns do brasileiro em crise. Mas a força de vontade de continuar é sempre maior. Ainda estamos vivos. E mais sedentos do que nunca!

Neste número reunimos tudo que acreditamos que constroi a cena cultural do país: música, literatura, teatro, cinema e histórias em quadrinhos. Este é o mote de Baderna.

Somente o fato de existir uma publicação como esta já vai na contramão da produção atual, que se apoia nas plataformas digitais. Nossa intenção é apresentar, com fôlego, sem a pressa do Tik Tok, a produção artística brasileira. Com o cuidado e atenção que essa produção merece.

É pretensioso, sabemos disso. Mas não custa tentar. Afinal, estamos nadando contra a maré há pelo menos 25 anos. Sempre com foco no que se produz no independente e, claro, produzindo muito também neste proceso. Por isso, aproveite esta Baderna sem moderação!

E lembre-se: retroceder nunca, render-se jamais!

A TAÇA É NOSSA!
A Baderna nº 1 ganhou a categoria Inventor Mutante no Prêmio Mutante 019 Independente 2024, promovido pela Rádio Mutante. Arriba!!!

4 | História Jão, guitarrista do Ratos de Porão, fala sobre reconhecimento e trajetória

6 | Feira Filmes, livros, discos e o que rola na internet

7 | Death Cinema Guitarrista Alain Melendez quebra tudo com seu The Melendez Karma Machine

8 | Resenhas Edson Pereira Jr., Mario Mariones e Francis Valadão analisam as bandas Fun For Freaks, Komossomos e Anguere

10 | Deu na baderna A arte coletiva d'O Theatro Oblivion

12 | Lançamento Zezagerado lança videoclipe de faixa homômina de EP de 2018

13 | Gibi Em sua estreia na Baderna, o quadrinista Eder Modanez apresenta a HQ inédita de terror A Dama do Rio

19 | Entrevista Baderna entrevista o produtor Ricardo Drago, da Mutante Discos, que fala sobre o lançamento do tributo em homenagem à banda Maguërbes

BADERNA nº 2

Collab: Cacto Edições/Refúgio Cultural e Estúdio Kathársis
Produção: Gordfo Darco
Editor: Lourenço Favari
Redatores: Edson Pereira Jr., Francis Valadão, Lourenço Favari, Mário Mariones
Capa: Eder Modanez
Ilustração: Evaristo Ramos
HQ: Eder Modanez
Revisão: Laf
lourenco.favari@gmail.com
Baderna nº 2 - Uma edição mais demorada que o Chinese Democracy!
Opa, peraí. Cê tá aqui ainda? Deixa de ler expediente e vai ler a revista, pô!

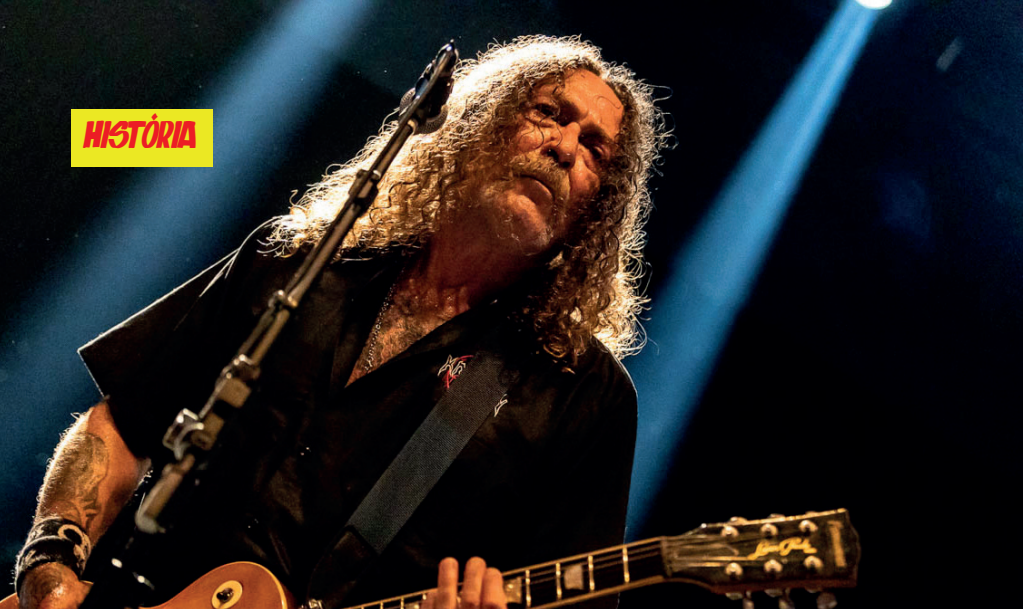
NO PENTE

Foto/Reprodução

Os rapazes da Atrito 137 estão em vias de fato com as gravações do seu novo disco, ainda sem nome e que tem previsão para ser lançado em março. A pedrada vai contar com 10 faixas.

Produzido pelo selo OSDR Discos, de Rio Claro-SP, antes do lançamento, dois singles devem vir à luz ainda em janeiro: as canções Evolução e Goiás. Nem Tiao Carreiro poderia ter previsto que a coisa ia ficar ainda mais preta!

A banda Atrito 137 é formada pelos músicos-Pedro Naitzk (vocal), Luiz Bellan (baixo), Vicenzo (bateria) e João Marchizelli (guitarra).



Foto/Belmilson Santos/Metal No Papel

RATOS DE PORÃO Ícone do punk rock, Jão fala sobre legado e enfrentamento

PUNK ROCK TAMBÉM É ARTE

Com mais de quarenta anos de carreira, um dos mais importantes guitarristas do país - Jão - fala sobre trajetória musical e reconhecimento

LOURENÇO FAVARI

Há mais de quarenta anos na estrada, o guitarrista Jão se tornou uma instituição do rock brasileiro e é referência pelo seu trabalho na música, sobretudo na concepção do punk rock brasileiro dos anos 80. Ao lado de seu primo, o baterista Betinho Massetti e do baixista Jabá (que morreu em dezembro de 2023), formou a banda Ratos de Porão em 1981.

Desde então foram treze discos de estúdio, além de álbuns ao vivo, split, coletâneas e EPs. Consolidando o Ratos de Porão na cena musical mundial como um dos mais importantes grupos do gênero. Atualmente ao lado de João Gordo, Juninho e Boka, mantém a banda com o mesmo vigor do início de carreira e com a sólida postura de enfrentamento das injustiças sociais.

E o reconhecimento dos mais de quarenta anos de invenção no rock chegou quando o Ratos de Porão ganhou a categoria Artista do Ano do Prêmio APCA 2022, um dos mais importantes do país. A premiação é realizada pela Associação Paulista de Críticos de Arte e consolidou a relevância artística do grupo no cenário cultural brasileiro.

No ano em questão, os músicos haviam lançado o disco Necropolítica, nove anos depois do seu último álbum, o Século Sinistro. "Eu me senti realmente honrado", disse Jão, em entrevista à Baderna.

"Não é premiação de revista de heavy metal que os mais amigos estão na revista. Estamos falando de uma associação dos críticos de arte. Então isso você tem que levar em consideração e respeitar por que [o punk] é arte também", considera.

A decadente família brasileira

Para além do trabalho no Ratos, no isolamento da pandemia, Jão iniciou o projeto Jão e a Decadente Família Brasileira. Tranca-

do em casa, ele conta que começou a mexer em algumas letras que acabaram não sendo utilizadas no Periferia S.A. e surgiu o disco Jesus na Goiabeira.

"Chamei o Alonso [Goes] para a produção e gravamos o EP que teve participação do Betinho e do Andrey [Bianchini]. Mas não foi um bagulho pensado para ser tocado ao vivo", conta ao lembrar que mesmo assim foram realizados alguns shows de lançamento do trabalho.

Lançado pelo selo Monstros Discos e Red Star Studios, a ideia inicial era produzir uma trilogia do período mais obscuro da política brasileira dos últimos 35 anos. Para a sorte de todos, a era Bolsonaro durou menos e os outros trabalhos foram abortados em razão da demora no lançamento do primeiro EP, conforme explica o guitarrista.

Mesmo assim, Jão adianta que um novo trabalho do projeto pode surgir muito em breve. "Estou pensando em um segundo disco, desta vez um LP mesmo", adianta.

O fim de uma era

A morte do baixista Jabá colocou fim à banda Periferia S.A. É o que afirma Jão, que manteve o projeto paralelo que alcançou êxito no underground. "Depois que o Jabá morreu eu desencanei. A banda morreu. Não faz sentido eu chamar outro baixista pra sair tocando", comentou com pesar sobre a morte do amigo.

Foto/Reprodução

CULTURA É caminho para MUDANÇA

Para Jão, os políticos do país estão à serviço dos poderosos e a cultura pode ser a saída

Engajado politicamente, o guitarrista falou ainda sobre a situação política do país. Mesmo que acredite que o atual governo - o de Lula, - seja diferente da era Bolsonaro, Jão acredita que ambos estão à serviço dos poderosos. "É complexo política no Brasil. No final das contas, quem manda são os poderosos. Tanto Lula quanto Bolsonaro vão ser os representantes deles", comenta.

"É óbvio que não dá para comparar o Bozo com o Lula. O Bozo é um imbecil. Eu fico até indignado , por que todos os ditadores do mundo na história tinham uma oratória fudida: Hitler, Mussolini. O Bozo não sabe falar, cara", observa.

Para Jão, a cultura é um direcionamento para tempos melhores. Sobretudo para encontrar caminhos para períodos tortuosos. "A cultura é onde tem o direcionamento, ainda mais nessas épocas bosta, igual a que a gente está vivendo. Mesmo que o Bozo não se reelegeu, ainda tem uma corja bolsonarista forte", comenta sobre a ultra-direita.

Mas ele pontua a importância de entender e distinguir o que é cultura. "É logico que a gente tem que saber distinguir bem cultura. Muita coisa midiática não tem nada de cultura. Você pega esses sertanejos modernos - não estou falando de Milionário e José Rico, que tinham umas letras de protesto, o Tião Carreiro, que é um dos maiores músicos do brasil e ninguém fala nada -, mas esses bostas desses playboy de hoje cantando sertanejo. É tudo lavação de dinheiro, segundo os caras. Por isso é importante distinguir a cultura de enfrentamento, do teatrinho de fantoche, de bobo da corte. existem distâncias grandes, seja na literatura, na música. Informação é o básico. Se informar é a melhor coisa que tem", finaliza.

VISCERAL NO DIGITAL!
Pedrinho Golias e os Macacos Espaciais para ouvir à 100 por hora

Academia de Letras Rio-clarense lancou os livros de poemas Escute o Silêncio, de Jonathan C. dos Santos, e Amor Pálido, de Lucas Kainan Adler Plancke. As publicações podem ser adquiridas por R$ 30 e R$ 20, respectivamente, no e-mail: contato@alercsp.com.br.

Curte Histórias em Quadrinhos? O jornalista, tradutor e crítico Érico Assis mantém a newsletter "Virapágina", que apresenta de forma aprofundada o universo das HQs dos mais variados gêneros, do mainstream ao independente. Para ter acesso é fácil! Basta acessar virapagina.substack.com, se inscrever e pronto. O canal mantém conteúdo gratuito, mas quem quiser pode optar pela versão paga.

Tá todo mundo lendo o ZERO - Zine Refúgio
Saiu no mês de outubro o primeiro número do Zero - Zine Refúgio. A publicação, distribuida gratuitamente na versão PDF e paga na versão física, apresenta a produção da casa das ideias Refúgio Cultural e Estúdio Kathársis de Rio Claro-SP. Tem muita informação musical e magia de montão. Para ter acesso à edição basta enviar mensagem para o WhatsApp (19) 98359-0020.

Em atividade desde 1995 a editora independente Marca de fantasia, capitaneada por Henrique Magahães, é especializada em Histórias em Quadrinhos, Artes Visuais, Comunicação, Linguística e Cultura Pop. Quem gosta deste universo vai se deliciar com o material produzido, muito dos quais, gratuitos. www.marcadefantasia.com.

Esta Baderna foi produzida ao som de MC Androidão

TOX
DOS EDITORES

Leia:

Millôr Definitivo A Biblia do Caos

Livro reúne 5142 preceitos, máximas, raciocínios, como definiu o próprio Millôr Fernandes, e que resume décadas de sua produção em jornais, livros e revistas.

Assista:

Dez

O filme Dez do cineasta iraniano Abbas Kiarostami é uma daquelas obras minimalistas que dizem muito sobre o seu tempo, mas que refletem discussões futuras. Lançado em 2002, o longa-metragem mostra uma motorista que leva 10 passageiros por Teerã, entre eles o seu filho, e apresenta a situação da mulher no Irã.

THE MELENDEZ KARMA MACHINE

The Melendez Karma Machine - 2024

Foto/Pâmela Morena

VOCÊ, VOCÊ E TODOS VOCÊ! O guitarrista Alain Melendez flerta com gêneros fora da música para criar universo em álbum de death metal

Sci Fi e terror dão o tom de disco de Melendez

Trabalho conceitual e sólido marca estreia da banda de death TMKM

LOURENÇO FAVARI

O primeiro disco da The Melendez Karma Machine, projeto solo do guitarrista Alain Melendez, entrega bem mais do que um disco de death metal.

Com oito faixas totalmente conceituais, trata-se de um álbum para ser ouvido do início ao fim, como foi construido em sua versão física. E como faziam os astecas até o final da década de 2000.

O trabalho funciona como uma obra cinematográfica com começo, meio e fim. E deve ser ouvido - repito - integralmente. Numa só tacada!

O universo retrofuturista e cyber punk é apresentado já na primeira música, a instrumental Nitro Intro. Nela é possível perceber o tom da obra, que apresenta a trama em um futuro distópico e que flerta com o terror. Aquele que temos medo e que pode estar mais próximo do que se imagina.

O clima sombrio, melancólico e desesperançoso que permeia as canções são reiterados pelo vocal e guitarra de Melendez, onde guturais, riffs e solos funcionam como planos de cinema. Instigando à próxima cena. E fazendo o enredo andar.

A música Let's Make a Movie analisa essa intenção em sua letra metalinguística e escancara essa estrutura, mas sem os maneirismos comuns de quem desdenha o gênero. Tudo em uma recriação muito bem elaborada por quem conhece não apenas música, mas outros gêneros da cultura pop.

Integram ainda o primeiro ato as canções Shut The Fuck and Obey e The Coke Bugs, que estabelecem o Melendezverso.

Envy The Dead abre o segundo ato e anuncia: "No more can find a place where i could stand tall". A jornada segue com as faixas Missing, I've Told You, Chump e tem seu desfecho na balada hecatombe Silk Road, na voz da cantora Michelle Castro que finaliza a obra como uma espécie de Deus Ex Machina.

TMKM

Álbum produzido pelo selo OSDR Discos tem versão física e possui algumas faixas nas plataformas digitais

@tmkm.band

Foto/Reprodução

DIRETO DA POSSE: Trio lançou o álbum de estreia em maio de 2023

FUN FOR FREAKS

Fun for Freaks - 2023

Play tem boa condução rítima, melódica e vitalidade sambarilóve

MÁRIO MARIONES

FUN FOR FREAKS! Porra, nome fóda! Foreigner Letter é construída num bom timbre vocal, guitarras crunchando clorofórmio, do inicial claustrofóbico tensa textura o clima chamando pro hardcore.

Essa é a faixa do homômino play. Com capa fodona do meu chapa Ete, são 15 faixas redondinhas, chefia. O power trio aqui do interior de SP, tem bom gosto pra caralho na condução rítmica na condução melódica, xará manda massa nos vocais, a cozinha cheia de unidade, vitalidade sambarilove. Discão up pra ouvir chapando o globo, Santo Antônio da "Tosse" traz o combo que estrala amor pelo barulho. Ricas canções, não é o disco de uma música só tocada várias vezes. Aqui parece que avua cerveja na tua cuca, o som acontece na tua cara, coloca lá no YouTube que fica feliz a baga.

A minha favorita é Stoner Friendly! A impressão sonora é pegar um uber fuquera fumacera pro alternativaço anos 90 onde a cena do interior de SP era valente vanguarda arte tesão vencedora versus inimigos de Kafka.

Mixado por Mario Sergio Ribeiro e João Gilberto é um marco do bom com gosto, o lançamento dos e para FUN FOR FREAKS, e os monstros da lendário Mutante Discos, Submundo do Som e Viés Estúdio já fazem história (o play foi lançado no verão de 2023). Veja ouça o vídeo de Jeff Ferreira, curta o filme do começo ao fim fumando garageira alma junkie Freak — Tarantino a beber All Witches num copo primal vivo eterno delirante underground. B

Primeiro trabalho da banda Fun For Freaks está disponível em todas as plataformas digitais **@funforfreaks**

CLÁSSICO

Álbum dos anos 2000 evoca década anterior

Disco foi o primeiro gravado da banda Komossomos, que ainda se mantém na estrada com o mesmo vigor

EDSON PEREIRA JR.

Sob o som do disco Komossomos (2004) da banda homônima, revivemos a vibração dos Raimundos de antes. (Não tem como não falar dessa clara influência!) Nada desse Raimundos conservador, chato, politicamente cuzão. É o Raimundos raiz, aquele da molecagem, que alegra e faz bater cabeça com força. A cozinha alinhada e pulsante nos convida a dançar, relembrando o rock do finalzinho dos 90 e o início dos 2000.

A pegada pop rock traz nostalgia, vontade de pedalar sem pressa pelas ruas, numa tarde amena, onde o sol não castiga e o vento é frescor de verdade.

E aí, no meio da jornada musical, misture um hardcore melódico, aquele que dominava na época desse disco. Pronto.

Cada faixa é puro poder, tão boas quanto CPM 22, Dead Fish e outras sonzeras. O álbum merece tua atenção. A produção é show, a execução é demais, um convite a viajar no tempo. É como um passeio gostoso pelo passado, quando curtir na calçada de casa com os amigos era o ápice e fazia parte da rotina. Dica amiga: Se és daqueles que só se manifesta online, passa longe da faixa 4. Curte o som numa boa, sem tretas, só paz e música.

Foto/Reprodução

RARO: É preciso muito garimpo para encontrar o CD, mas vale a pena

ANGUERE

Queima - 2024

Single marca retorno da banda, que arrisca um tímido experimentalismo

FRANCIS VALADÃO

Rápido, pesado e agressivo. Assim pode ser definido o single Queima, da banda Anguere que retoma o front depois de uma pausa de mais de um ano (o anúncio do hiato foi feito no dia 26 de abril de 2023 nas redes sociais em uma espécie de lavagem de roupa suja pública).

A volta da banda marca o retorno do primeiro baterista Adriano R. Prado e segue com os músicos Cleber Roccon (guitarra), Ricardo Santos (baixo) e Thiago Soares (vocal), que chegam metendo o pé na porta!

Queima mantém a mesma verve das gravações anteriores da banda com os tradicionais vocais de Soares e seus berros raivosos. Tudo certo, Anguere trash hardcore pride!

O que chama a atenção, no entanto, é o experimentalismo - ainda que tímido - da guitarra. Nota-se uma vontade de apresentar algo a mais. Algo novo em um gênero já cansado.

A impressão que dá, com este single, é que a banda está cruzando o caminho da tradição e ingressando no universo da criação, totalmente novo. Se a tendência de Queima se concretizar, em breve teremos um EP que deve acrescentar muito na música alternativa!

Corpo, coletivo e improviso

Companhia teatral O Theatro Oblivion, parte de repertório e vivências individuais para criar trabalho cênico coletivo

LOURENÇO FAVARI

Corpo e improvisação. Essas são bases do trabalho da cia. O Theatro Oblivion, de Rio Claro-SP. Formada pelo diretor/encenador Marcos Calegari e pelos atores Daniela Schmidt, Rodrigo Emanoel Fernandes, Juliana D'Urso Hebling e César Oliveira, conta ainda com Elder Algarve, que já foi ator na companhia e hoje é responsável pela divulgação do grupo.

Criado entre 2018 e 2019 tem no currículo três peças: Mostruário (2019), Mascarada (2022) e Quiproquó (2024), esta última baseada livremente em textos do dramaturgo inglês William Shakespeare. A partir de jogos e improvisações, o trabalho pode começar com alguns elementos como tema, autor, textos dramatúrgicos, literários, pinturas ou filmes. Desse improviso surgem situações que se cristalizam em personagens, cenas e se consolidam na dramaturgia da companhia. Inclusive, esse modelo coletivo de criação-produção-pensamento, reflete também a forma que o grupo se comunica com a imprensa.

Das questões propostas pela Baderna, apenas a que trata sobre a coletividade é que foi respondida individualmente pelo diretor Calegari: "Não existe coletivo sem individual e não existe individual sem coletivo. Trabalhamos com uma construção cênica coletiva, porém, partindo das individualidades. Cada integrante traz histórias próprias, repertórios artísticos, vivências pessoais, que serão trabalhados coletivamente e diluídos para dialogar com os diferentes públicos, para que a identificação com esses aconteça".

E prossegue: "Para criar conexão precisamos abrir as temáticas, ideais, sensações e certezas e assim, paralelamente estreitarmos os afetos, relações, empatia. Teatro é a arte do encontro, por essência é troca entre quem faz e quem vê. É o coletivo do indivíduo, afinal. Somos Multiplus em cena e na vida".

E isso é reflexo do próprio processo de produção e pesquisa, conforme definem os membros do coletivo. "Para simplificar, e brincar um pouco, poderíamos dizer que nos encaixamos naquele espectro chamado, ora orgulhosamente, ora jocosamente de 'contemporâneo'. O que equivale a dizer que não trabalhamos naquele formato mais tradicional de palco italiano, montagem do texto dramatúrgico na íntegra, narrativa convencional, muito embora possamos vir a usar qualquer um desses elementos sempre que nos parecer interessante", ecoam em uníssono.

E a inspiração para tudo isso vem de formas teatrais estilizadas e experimentais - como observam - com ên-

"NÃO EXISTE COLETIVO SEM INDIVIDUAL E NÃO EXISTE INDIVIDUAL SEM COLETIVO"
O diretor/encenador Marcos Calegari

Foto/Vanessa Ferreira

Em cena: Os atores Rodrigo Emanoel Fernandes (de costas), Juliana D'Urso Hebling, César Oliveira e Daniela Schmidt no espetáculo Quiproquó

fase na criação a partir do corpo, da improvisação e em ícones do teatro como Jerzy Grotowski, Zé Celso Martinez Corrêa e Peter Brook. "Nossa 'lógica' é antropofágica. A gente come o que nos apetece a cada momento", reforçam fazendo referência ao manifesto antropófago publicado por Oswald de Andrade em 1928 e que evoca: "Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente".

Escrevendo cenicamente

Toda essa dinâmica criativa estabelece um método, no qual os participantes escrevem cenicamente a dramaturgia no espaço e no movimento. "Mais do que adaptar, nós gostamos da ideia de nos deixar atravessar pelas obras. 'Escrever' a dramaturgia cenicamente, no espaço e no movimento, não (necessariamente) no papel", comentam.

Este processo não é à revelia, afirmam. Tudo é tratado com respeito pela obra pesquisada. "Obras clássicas tendem a não se deixar tocar impunemente. É preciso se aproximar delas com respeito e cuidado, mas também com irreverência. Lembrar sempre que elas são maiores do que nós e ainda estarão por aí quando nós todos formos pó, mas ao mesmo tempo elas se permitem atravessar pelas nossas subjetividades tanto quanto elas mesmas nos atravessam. O que elas têm a nos dizer ou o que nós podemos dizer por meio delas nunca se esgota", completam.

O espaço como elemento criativo

Sediado no Núcleo Toca, localizado na Rua 1, 2037, no coração de Rio Claro-SP, O Theatro Oblivion está conectado "intrinsicamente" com o espaço. "Nossa forma de trabalhar e criar tende a conectar intrinsecamente os espetáculos ao espaço onde foram criados, no caso o Núcleo Toca, com a sua estrutura física a la 'mini teatro oficina', explicam.

De modo que o espaço é elemento chave na criação dos trabalhos do grupo. "Antes que a gente se dê conta, já é impossível imaginar aquele espetáculo em qualquer outro lugar, e tirá-lo de lá exige quase uma recriação completa", comentam. Mesmo que ainda não seja o foco do grupo levar os espetáculos para outras praças, afirmam que eventualmente isso vai acontecer.

As várias faces do ZÉ

LOURENÇO FAVARI

O músico Zé acaba de lançar o videoclipe da música Zezagerado, faixa que integra o álbum homônimo de 2018. O trabalho foi todo filmado em Santa Gertrudes-SP, cidade natal do artista, e evidencia visualmente as reviravoltas da vida e como nos adaptamos a essas mudanças. A busca incessante de nós mesmos.

"A música fala de reviravoltas que a vida dá como um ciclo indefinido e infinito. Fazemos o que gostamos, temos vontade, nos arrependemos, mudamos, nos reerguemos e, depois, acabamos fazendo tudo de novo. Mas de maneira diferente", explica Zé, líder do projeto Zezagerado.

Foto/Juliana Joia

ESTRIQUINADO: Vídeoclipe foi dirigido pela cineasta Cláudia do Canto

Indefinido, multifacetado, desmiolado e com várias faces, o próprio Zé estrela a produção em diferentes personas, que dialogam com o estranhamento dissonante da canção. O vídeo teve roteiro e direção da cineasta Cláudia do Canto. Na equipe constam ainda Michael Willis (fotografia), Juliana Joia (arte) e Marcos Calegari (direção de elenco).

"A música é composta por uma sequência de adjetivos, não forma frase, mas existe uma história ali. Esse tal ciclo que assim como eu, muitos se identificam. Ninguém é perfeito, nem quer ser. Se quer é por que não faz ideia do que isso significa. A vida é feita pra aprender, melhorar, evoluir, errar menos, se possível… Afinal, o que é errado? Quem pode responder?", reflete o artista.

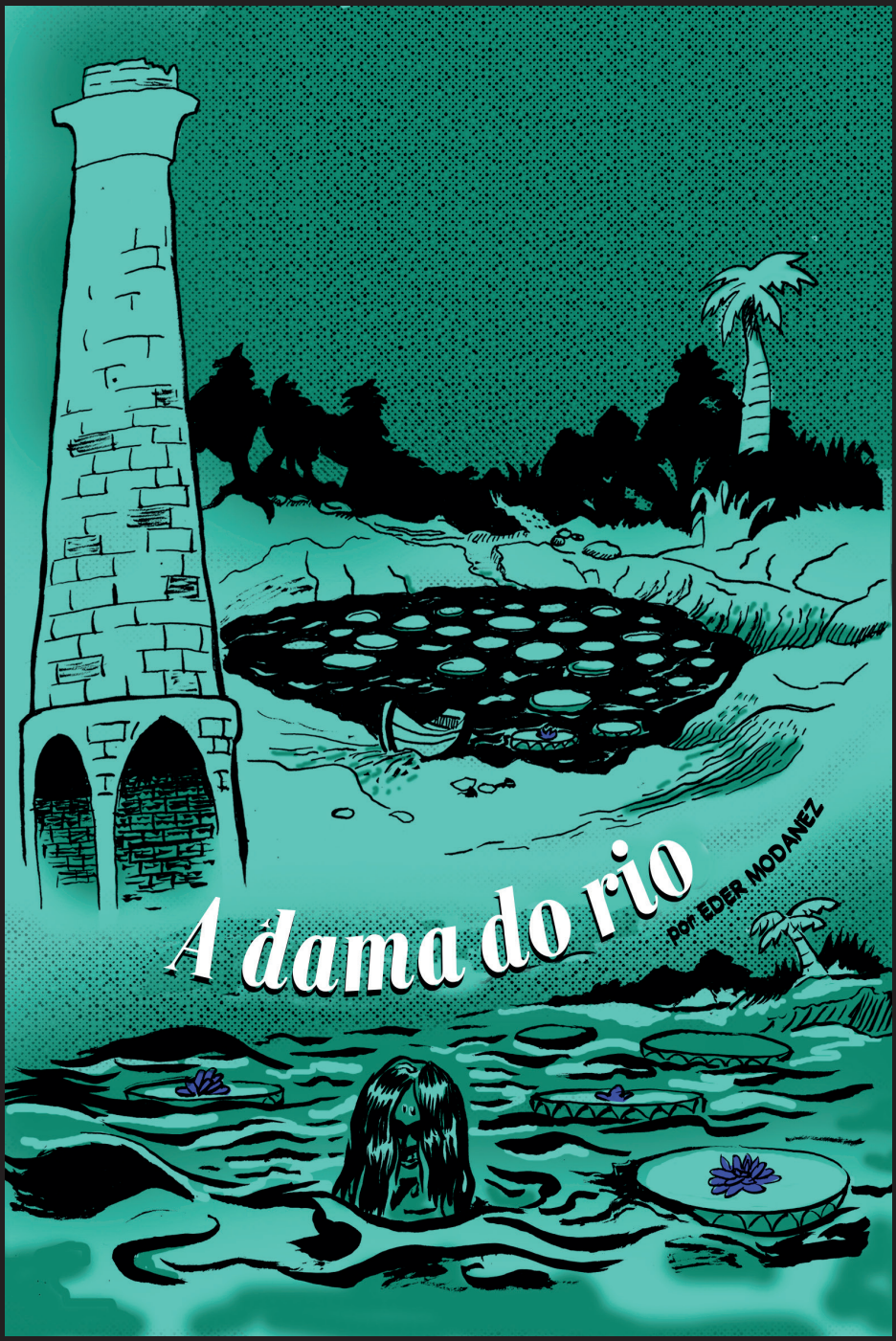
Gravado no estúdio Válvula 9, a música Zezagerado teve produção de Alonso Goes e contou com Andrey Bianchini no contrabaixo e guitarra. Já o EP tem cinco faixas que estão disponíveis nas plataformas digitais.

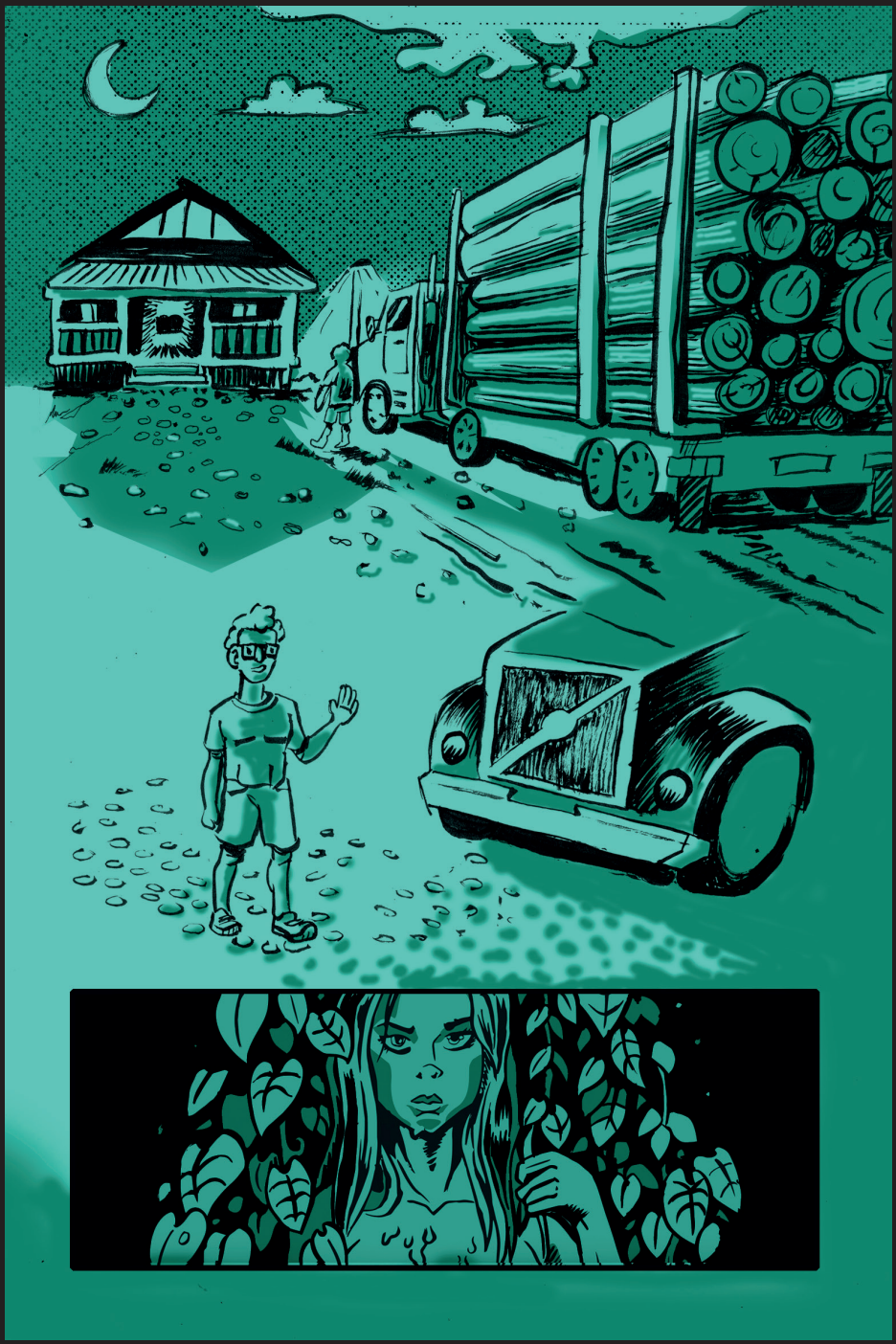
Sobre o futuro, Zé adianta que um novo EP deve ser lançado com outras seis canções que já estão prontas para serem gravadas.

PROVOCADOR
Desbravador do novo, Zé provoca reflexão no vídeoclipe da faixa Zezagerado

ZEZAGERADO

EP Zezagerado está disponível em todas as plataformas digitais


A dama do rio
por EDER MODANEZ



Tributo é homenagem à cena, diz produtor

30 ANOS Ricardo Drago da Mutante Discos fala sobre homenagem à banda Maguërbes

Dezenove faixas integram o disco coletivo em homenagem aos 30 anos de atividade da banda Maguërbes, umas das arquitetas do cenário musical independente do país. Produzido pela Mutante Discos, de Americana-SP, o projeto intitulado MGBS 30 - Um Tributo Mutante aos Maguërbes está disponível no Bandcamp.

Em entrevista à Baderna, o produtor Ricardo Drago destaca a importância da homenagem. "Os caras estão aí há 30 anos ensinando. Sem parar. Os Magüerbes já escreveram o Futuro!", reforça ao lembrar que além deste primeiro disco a ideia é fazer outros cinco, totalizando 99 versões.

Este é o terceiro lançamento de tributos produzido pela Mutante, que já pariu Amor, Fúria & Amor, em homenagem ao The Bombers, e Tá Servido, homenageando o Dead Fish, todos disponíveis no Bandcamp.

RICARDO DRAGO: *"Só tem um jeito: fazer. Faça você mesmo e faça com seus amigos"*

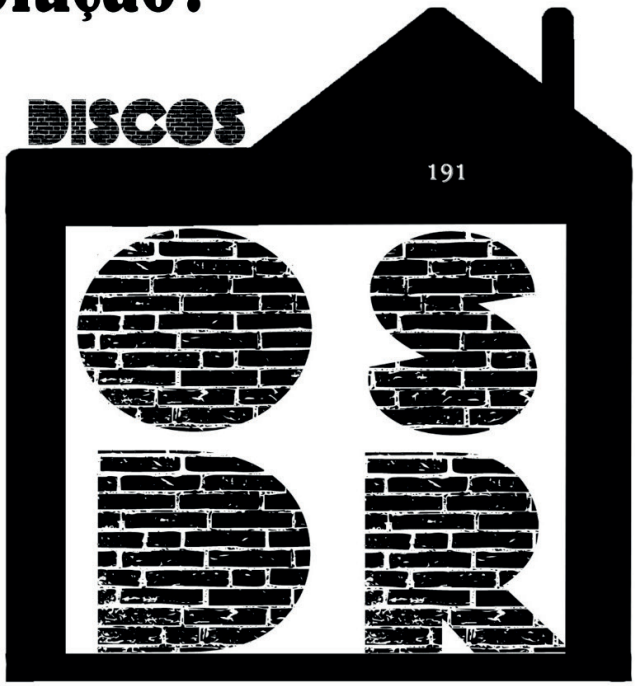
Baderna: *Dá muito trabalho reunir as bandas pra gravar?*

Ricardo Drago: O Dead Fish demorou apenas 4 anos pra sair, teve uma tal de pandemia no meio... Fechar as bandas pro Tributo eu fecho em uma semana. Todo mês eu bato um papo com as bandas, você vai sentindo como está a versão, se vai sair, se é melhor ir por outro caminho! O lance mesmo é prazo e prazo no underground é foda Eu deixo as bandas bem tranquilas pra inventarem suas versões e no underground todo mundo trampa, então por mais que os caras estão a fim de fazer, são mil outras coisas na frente.

B: *Esses tributos são uma forma de reconhecer esses arquitetos do independente?*

RD: Com certeza! São esses arquitetos/construtores que fizeram a história. Tem alguns discos que moldaram a minha vida nos anos 90. Todos os três discos se você olhar de perto não são apenas homenagens às bandas, são homenagens à cena, às próprias bandas convidadas. É uma celebração da vida.

A nova era musical se inicia. Você está pronto para a revolução?



O refúgio das melodias que ecoam na alma!

/OSDRDISCOS